

DO SIGNIFICADO AO SIGNIFICANTE: A SINGULARIDADE DO SABER

Paulo Arthur Buchvitz

Psicólogo pela UMESP

Mestre pela PUCSP

Doutor pela USP

Coordenador do Curso de Psicologia do ISECENSA

RESUMO

Do Significado ao Significante: a singularidade do saber. O enfoque pedagógico tradicional fossiliza os educandos com o conhecimento mecanizado que deve ser reproduzido de igual forma como lhes foi ensinado, mesmo que isto não faça nenhum sentido para eles. O que geralmente os professores não percebem é que o modelo de ensino tradicional é linear e simplificado. Ele pressupõe que aquilo que o professor disser será compreendido da mesma forma pelo aluno. Pelo avesso, a Psicanálise possibilita a reformulação do modelo fundamental da Pedagogia, assinalando que não existe uma regra geral para todos os seres humanos. O aluno deve ser percebido no singular, isto é, o processo de cada um se concebe de forma própria. Portanto, o ensino precisa implicar o sujeito na aprendizagem, pois para a psicanálise não há ensino se o sujeito não colocar algo de si.

Palavra chave: Psicanálise, Aprendizagem, Ensino

ABSTRACT

The traditional pedagogic approach fossilizes the students with mechanized knowledge, which is reproduced the same way teachers were taught, regardless of whether it makes sense or not. In general what teachers do not realize is that the traditional teaching model is linear and simplified. It is assumed that what a teacher says is understood the same way by the students. On the other hand, psychoanalysis makes possible a reformulation of the fundamental pedagogy model, showing that a general rule for all human beings does not exist. The student should be seen as individual entity. That is the approach for each one is conceived in a specific way. So teaching requires the subject in the learning process, for the psychoanalyses teaching method is ineffective if the subject does not contribute something of himself.

Keywords: psychoanalyses, Learning, Teaching

INTRODUÇÃO

Na educação tradicional, o aluno é tratado de forma coletiva e precisa reproduzir, literalmente, o que lhe foi ensinado. É como se tivesse uma evolução linear, única e a-histórica, seguindo as mesmas etapas de desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e sexual. Como se fosse algo comum a todas as pessoas e culturas, persistindo a pedagogia baseada na concepção de que o sujeito se desenvolve naturalmente passando por etapas e processos. Não obstante isso, para a psicanálise, não se trata de demonstrar que a teoria captou corretamente o sujeito, pois o aluno sempre ultrapassa o plano da teoria. Assim, o aluno não pode ser simplesmente reduzido ao enfoque teórico.

Cópia

Tal educação desconsidera o potencial do aluno, dando ênfase ao conhecimento do professor, bem apontada pela metáfora de Rubem Alves (1994): a plantação de eucaliptos, cópias enfileiradas, tendo à mesma visão, sem distinção entre as tarefas de aprender e ensinar. Ao contrário disso, é necessário entender que o processo de desenvolvimento de cada aluno necessita de desencadeadores por meio da linguagem e da fala. Isto quer dizer que, sem a linguagem e a fala, os chamados processos de desenvolvimento não serão acionados.

Provar

Nessa educação, quando o aluno não consegue provar que aprendeu, é reprovado. Não aprendeu aquilo que o professor achou que deveria aprender, não porque ele não tivesse estrutura cognitiva de aprendizagem, mas porque foi confundido pela prática e pelas teorias pedagógicas, que o afastaram do contato com o conhecimento. Isso porque o educador não identificou a maneira como o aluno aprende a partir da sua própria estrutura cognitivo-afetiva. Geralmente o aluno se encontra misturado às concepções que pais, professores e especialistas fazem dele. A psicanálise revela o quanto a palavra do aluno pode ser encoberta, por meio de conteúdos transferenciais, como a fala dos educadores.

Desenvolvimento

Por que se inicia a discussão por meio da crítica das teorias de estágios de desenvolvimento? Porque elas fundamentalmente pré-concebem como deverá ser o processo de desenvolvimento da atividade escolar do aluno. Ou seja, elas fazem o professor acreditar e esperar que todos os alunos, em determinadas etapas, tenham o mesmo processo de desenvolvimento. Ao contrário, é fundamental que o mestre perceba que cada aluno frente ao saber apresenta sua própria especificidade. Assim, embora na mesma família, dois irmãos apresentem processos de constituição parecidos, quando se dá a palavra a cada um, constata-se que eles são diferentes.

Estrutura

Com a idéia desenvolvimentalista, a educação priorizada na pedagogia tradicional dificilmente captura os processos de aprendizagem porque desconsidera as estruturas singulares do sujeito. No entanto, ele não pode ser visto meramente como repetidor de conhecimento, pois precisa construir sentidos próprios dos ensinamentos que lhe são ministrados. Em razão disso, os processos maturacionais de cada aluno são discrepantes em relação aos demais. Sua estrutura é sempre singular vinculado à história de cada sujeito.

Singular

Isto acabou por levar a Psicanálise a privilegiar a noção de estrutura em vez da noção de desenvolvimento. Esta opção é um marco estratégico. Isto porque não há um desenvolvimento igual ao outro, seja físico, social, emocional etc. Para a psicanálise a noção de estrutura possibilitará captar o aluno de uma maneira mais precisa, sem transformá-lo em uma peça dos jogos de encaixe das teorias.

Além

Pelo visto, a educação, os educadores e os alunos estão além das teorizações que fazemos deles. O aluno não pode ser visto pelas etapas do desenvolvimento biológico, psicológico e mental, mas como sujeito que aprende diferentemente da maneira como as teorias ditam. A abordagem psicanalítica vai além da concepção cronológica, objetiva e revela o que há de específico em cada sujeito.

Teoria

O professor deve levar em consideração a estrutura interna do educando para que este possa elaborar o conhecimento. Enquadrado em certas perspectivas teóricas, o aluno fica excluído da relação educacional que prioriza as estruturas racionais e cognitivas. Os professores acabam por confundir a imagem do aluno universal trazida pelas teorias com o aluno particular. A psicanálise enfatiza a importância de passar a palavra ao sujeito, para que ele diga quem ele é e como pensa.

Bancária

Paulo Freire (1999) chama esse tipo de ensino de educação bancária, isto é, o educando é tratado como receptáculo ou depósito dos conhecimentos que o professor achar mais adequado. Talvez seja esse o motivo da falta de interesse na aprendizagem em grande parte das escolas brasileiras. Nesse caso, o aluno fica reduzido à mera concepção que se tem do aprender, de um determinado autor, de uma determinada teoria ou de uma determinada época.

Saber

Ao contrário da educação bancária, os pressupostos psicanalíticos podem contribuir para uma educação em que o educando elabore e apreenda, em seu contexto singular os saberes, não como algo pronto e completo, mas parte do processo constante de transformação de cada sujeito. Quando o aluno processa a transformação, há um saber elaborado que lhe permite instituir-se mais plenamente como sujeito com um saber que faz parte de sua vida. Ou seja, não há um processo de ensino-saber que seja uma leitura direta e imediata. Um saber pronto e acabado a ser transmitido. Ele precisa passar por uma decodificação imaginária e/ou simbólica para ser estabelecido.

Cogito

Ao introduzir o conceito de sujeito inconsciente, a psicanálise questiona ao cogito cartesiano, pois o pensamento não é o único a constatar a existência do sujeito que pode existir sem se perceber pensando. *O penso, logo, existo*, possibilita justificar a maneira como se pode aprender, resultando na aprendizagem do "eu" ou da consciência, sem perceber que o ser humano tem outros aspectos a serem considerados no ato de aprender, como o sujeito inconsciente.^(*)

Consciente

Com base no *cogito*, pratica-se uma pedagógica que vê o educando apenas como sujeito consciente. Por sua vez, uma aprendizagem que leva o educando somente a aprender no plano da consciência pouco o ajuda a se modificar. Os mestres não percebem que o conhecimento que vem do exterior tem pouco impacto para gerar novas aprendizagens para a vida. O conceito de que o ser humano não possui só consciência racional, permite compreender que, além dos sentidos e dos significados, o sujeito se constitui a partir do seu inconsciente. É preciso, então, que se saia desta concepção racional, para que realmente se possa identificar como o aluno pensa, sabe e aprende, isto é, como ele concebe a leitura, a escrita e o pensamento lógico.

Inconsciente

A noção de inconsciente não remete a um modelo tradicional de rememoração em que o sujeito tem que se lembrar de alguma coisa que ficou esquecida ou encoberta. O inconsciente se refere a algo que não consegue aparecer, aquilo que nunca consegue emergir na vida do sujeito. A psicanálise explica que o inconsciente pode ser definido como uma cadeia de significantes que insiste. Esta concepção modifica a maneira tradicional de se conceber o sujeito como alguém que se pensa a si mesmo. Lacan desloca o trajeto de apreensão do sujeito do plano do consciente para o do inconsciente, em que cada pessoa é instituída em sua própria linguagem.

Pensamento

Como é que o inconsciente se manifesta? Freud: *está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente. É a este lugar que ele chama, uma vez que lida com os outros, o eu penso pelo qual vai revelar-se o sujeito. Em suma, Freud está seguro de que este pensamento está lá, completamente sozinho de todo o seu eu sou. Descartes não sabia, a não ser que fosse o sujeito de uma certeza e rejeição de todo o saber anterior - mas nós, nós sabemos, graças a Freud, que o sujeito do inconsciente se manifesta, que isso pensa antes de entrar* (LACAN, 1996:37).

Linguagem

Para Lacan, o inconsciente é estruturado pela linguagem e pela fala: *se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Daí deduzi uma topologia cuja finalidade é dar conta da constituição do sujeito* (1996:193). Assim, o sujeito pela linguagem não visa somente à comunicação, fazer sentido, querer dizer alguma coisa, mas exercer os discursos vazios, revelando os mal-entendidos, os enigmas e as criações languageiras. Sendo assim, a linguagem e a fala não dão conta de dizer os alunos, sobre suas vidas e suas histórias.

Faltar

Pelo visto, o inconsciente possui um saber em que não há um eu, um saber que ultrapassa o sujeito, que vai além do que ele acredita saber, um saber que apresenta efeitos de verdade, ultrapassando o sentido do que foi dito, dando a entender que não há uma verdade nem um saber total. Lacan elabora uma concepção de saber como "não - todo". Isto é, sempre irá faltar um pedaço. Ele será incompleto. Este saber do sujeito, de cada aluno não pode ser reduzido, como acredita a psicologia e a pedagogia a um saber universal, a um saber completo e total. Cada sujeito, cada professor e cada aluno terá que tecer o saber, a partir da linguagem e da fala. Um saber que tecerá a verdade do sujeito.

Verdade

Por sua vez, o saber universal pode não trazer em seu bojo a verdade do sujeito. Ou seja, porque ele agiu de determinada forma, porque ele se encontra preso às cadeias de gozo. Assim, como a palavra, as significações e sentidos das ações dos alunos elaboradas pelos professores não dão conta de dizer o que ela pensa, sente e repete determinada ação. O aluno precisa saber por que ele age de determinada forma, porque se encontra presa a determinadas cadeias de gozo. Em virtude de o professor estar preso também nas

^(*) *O Cogito cartesiano procura explicar o mundo partindo da consciência como dado evidente, como um aspecto do mundo objetivo: e, tendo notado que nada há no eu penso, logo, existo, que me assegure de que digo a verdade, exceto que vejo mui claramente que, para pensar, é preciso existir, julguei poder tomar por regra geral que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras* (DESCARTES, 1979: 47).

construções de linguagem, sempre tenta apreender o saber à sua moda, perdendo muitas vezes, irremediavelmente o saber, a linguagem, o significante e o aluno.

Gozo

Tendo em vista de que a linguagem constitui o sujeito, não se trata mais de descobrir o sentido escondido de um comportamento, porque por trás dos comportamentos repetitivos do aluno, se expressa a sua forma de gozar a vida, que pode ser boa ou má, pois a pessoa goza na e pela linguagem. É nesta região que Lacan assinala a existência do registro do real. Algo que se tenta apreender, mas só se identifica por meios dos símbolos, das imagens, das significações e sentidos da nossa cultura. É pela repetição dos circuitos de gozo que o aluno revela a sua discordância das teorias de desenvolvimento. Ele revela o quanto singular é sua ação e seu estudar. Assim, é preciso se desfazer dos preconceitos teóricos, para capturar o aluno de forma mais próxima possível.

Repete

Dessa forma, o professor precisa compreender que o aluno que repete constantemente ações inadequadas não o faz apenas para chamar atenção do professor, mas demonstra que está preso em cadeias de falas das quais não consegue se desvencilhar, ou seja, repete algo que ainda não conseguiu elaborar internamente. Assim, toma-se como sendo do aluno, construções de linguagem que foram feitas para falar dele. Confundem-se os sentidos, as significações elaboradas por meio da linguagem como o próprio pensamento do aluno.

Novo

Assim sendo, para fazer algo novo no processo de ensino-saber, é necessário abandonar os velhos símbolos e as velhas imagens da aprendizagem, como a abordagem construtivista, que privilegia a construção do saber, correndo o risco de esquecer os entraves dos alunos em relação a essa construção.

Melhor

Para que isso ocorra, é necessário construção/desconstrução/reconstrução, ou seja, levar alguém a estudar, a tecer o saber, a descobrir o que realmente necessita para aprender. Como assinala Lacan, reduz-se a educação a ser apenas um apreender, em vez de aprender a se descobrir, a construir o saber, para fazer algo melhor da próxima vez em que estivermos em contato com o aluno.

Pés

O romancista italiano Italo Calvino (1993) sugere ao leitor-personagem que ter os 'pés levantados' é a primeira condição para apreciar bem um livro. O professor que estiver com os "pés levantados", isto é, sem as contaminações da pedagogia que encobrem o entendimento de como o aluno aprende, pode levá-lo a se tornar sujeito de saber significante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Conversas com Quem Gosta de Ensinar*. 28ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BUCHVITZ, Paulo Arthur. *Pedagogia da Libertação de Paulo Freire*. São Paulo: Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTBSP, 1985. (Monografia)
- _____. *Sublimação da Sexualidade Infantil*. São Paulo: Escuta, 1998. (Série Psicanálise de Criança)
- _____. *Uma Leitura da Educação a partir da Psicanálise de Orientação Lacaniana*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. (Tese de Doutorado)
- _____. *Inteligência Sexual: Sublimação da Sexualidade Infantil na Aprendizagem*. São Paulo: Ágape, 2002.
- CALVINO, Italo. *Se um Viajante Numa Noite de Inverno*. 3ª Ed. Lisboa: Vega, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LACAN, Jacques. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo* (1938). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. *Função e Campo da Fala e da Linguagem* (1953).
- _____. *A Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (1960).
- _____. *A Ciência e a Verdade* (1966).

- _____. O Seminário: Livro 1. *Os Escritos Técnicos de Freud* (1953 -1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. O Seminário: Livro 11. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- _____. O Seminário: Livro 17. *O Averso da Psicanálise* (1969 - 1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. O Seminário: Livro 20. *Mais, Ainda* (1972 - 1973). 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.